

entidade, capazes de contar uma parte importante da história da ciência no Brasil a partir da segunda metade do século XX. O convênio com a ECA dará continuidade ao trabalho desenvolvido até o ano passado, denominado Projeto Memória, que realizou a primeira fase de inventário do acervo. Segundo Fabíola, este ano deve ser concluída a catalogação das informações e implantação de uma base de dados que, em 2008, será disponibilizada por meio de um site na internet. A idéia é que o acervo possa ser utilizado por pesquisadores, estudantes, professores e demais interessados.

**MEMÓRIA CIENTÍFICA** O vídeo-documentário, que ainda está na fase de roteirização, terá 52 minutos de duração. Já foi definido, entretanto, que ele contará com depoimentos de todos os presidentes vivos da SBPC. “Estes depoimentos serão usados de forma aleatória para dar dinamismo ao documentário. Queremos mostrar que a história da entidade foi feita, sobretudo, pelas pessoas que passaram por aqui”, explica Fabíola. Além disso, serão ouvidos historiadores de ciência para falar da relevância da instituição para o país.

O projeto do vídeo-documentário sobre os 60 anos da SBPC está sendo coordenado por Lisbeth Cordani e Amélia Hamburger. O vídeo será lançado durante a 60ª Reunião Anual que vai acontecer na Unicamp, Campinas (SP) no mês de julho e também poderá ser visto na grade da programação da TV Cultura e de TVs universitárias de todo o país.

*Patrícia Mariuzzo*

## LITERATURA

### REGIONAL, UNIVERSAL: 100 ANOS DE GUIMARÃES ROSA

Ao se revisitar a obra de Guimarães Rosa, no ano em que o escritor completaria cem anos, percebe-se a força e atualidade de seus livros. O que faz uma obra de arte ser considerada bela, eterna e sobreviver ao tempo é uma questão com muitas respostas. As hipóteses passam pelas grandes revoluções técnicas como o *sfumato* de Leonardo da Vinci, a grandeza e a beleza estética de Dante Alighieri ou a espiritualidade de Johann Sebastian Bach.

Suzi Sperber, professora de literatura da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), acredita que a atemporalidade da obra de Guimarães Rosa se deve “à extraordinária beleza do texto e forma como ele trabalha com as palavras”. Segundo ela, a obra dele nos obriga a abordá-la com a emoção e não com a razão. “Ele quer a derrota da razão. O leitor não é obrigado a ter conhecimentos literários para ser envolvido pelo texto”, afirma.

Os contos e romances do autor, na primeira impressão, parecem inacessíveis, mas ao mesmo tempo envolvem o leitor, principalmente através da linguagem poética e uma construção estética consciente do som e ritmo da palavra. Sua linguagem é um “terreno movediço e de limites imprecisos entre a prosa e a poesia”, define Cláudia Soares, outra especialista em Guimarães Rosa e professora da Universidade Fede-

**“O SENHOR... MIRE VEJA: O MAIS IMPORTANTE E BONITO, DO MUNDO, É ISTO: QUE AS PESSOAS NÃO ESTÃO SEMPRE IGUAIS, AINDA NÃO FORAM TERMINADAS - MAS QUE ELAS VÃO SEMPRE MUDANDO. AFINAM OU DESAFINAM. VERDADE MAIOR. É O QUE A VIDA ME ENSINOU. ISSO QUE ME ALEGRA, MONTÃO.”**

Trecho de *Grande sertão: veredas*, em que o jagunço conversa o “doutor”.

ral de Minas Gerais (UFMG). Segundo ela, Rosa produziu uma mistura, partindo de uma dicção de fundo regionalista, acrescentando elementos provenientes de seu amplo conhecimento da língua portuguesa e das outras que conhecia – como arcaísmos, estrangeirismos e neologismos.

*Grande sertão: veredas*, a obra mais aclamada do autor, é uma auto-narrativa de um jagunço aposentado, que conta a sua história a um viajante, um “doutor”, que passa um tempo hospedado em sua fazenda. O registro dessa conversa, no qual só ouvimos a voz do jagunço, reflete e in-

## GUIMARÃES ROSA

Nascido em Cordisburgo (MG) em 27 de junho de 1908, João Guimarães Rosa se interessou por línguas desde muito cedo. Ele afirmava que falar tantas línguas, lhe ajudava a compreender melhor o português. Formou-se em medicina, em 1930, mas após atuar em algumas cidades do interior de Minas, percebeu que esta não era sua vocação. Casou-se, no mesmo ano, com Lígia Cabral Penna e teve duas filhas. Em 1929, escreveu quatro contos premiados e publicados pela revista *O Cruzeiro*. Em 1936, o escritor foi nomeado cônsul adjunto de Hamburgo e se mudou para a Alemanha, onde conheceu Aracy, a mulher com quem viveu até a sua morte e a quem é dedicada sua obra maior: *Grande sertão: veredas*. Durante a Segunda Guerra Mundial, Rosa forneceu vistos brasileiros para judeus, por interferência de Aracy, e recebeu homenagens póstumas por esse ato. Em 1951, decidiu estabelecer-se no Brasil, onde viveu e trabalhou no Rio de Janeiro, dedicando-se integralmente à literatura até sua morte em 1967.

### AS OBRAS DE ROSA:

- *Magma* (1936), poemas. Não chegou a publicá-los.
- *Sagarana* (1946), contos e novelas regionalistas.
- *Com o vaqueiro Mariano* (1947), contos.
- *Corpo de baile* (1956), novelas.
- *Grande sertão: veredas* (1956), romance.
- *Primeiras estórias* (1962), contos.
- *Tutaméia: terceiras estórias* (1967), contos.
- *Estas estórias* (1969), contos. Obra póstuma.
- *Ave, palavra* (1970) diversos. Obra póstuma

Aos 44 anos Rosa revê o sertão



Reprodução do livro *Em memória de João Guimarães Rosa*

se oral, e cultura letrada. Assim, ele emprestou ao sertão significados simbólicos e alargou os seus limites para além das fronteiras geográficas. O sertão se tornou o mundo”, reflete Cláudia.

Estudando Rosa é possível perceber que ele era sensível tanto à cultura popular do sertão, como à chamada erudita. Suzi Speber conta que passou um longo período na casa do autor logo após a sua morte. Na biblioteca, a pesquisadora teve acesso aos seus livros e observou suas anotações, grifos e até mesmo trechos que ele escrevia a partir do que lia. “Rosa era muito eclético, lia filosofia japonesa, européia e do oriente chinês. Ele também se interessava por livros de cunho espiritualista e

até literatura espiritualista de terceira categoria”, conta a pesquisadora.

**CULTURA POPULAR** Publicado em 1956, *Grande sertão: veredas* foi escrito quatro anos depois de uma famosa viagem do autor pelo interior de Minas Gerais, acompanhando a condu-

ção de uma boiada. Rosa anotou exaustivamente dados concretos da realidade física e da cultura sertaneja, e esses registros – suas famosas cadernetas de viagem, que atualmente se encontram no Instituto de Estudos Brasileiros da USP – foram utilizados como matéria-prima que o escritor trabalhou esteticamente para compor os livros. As anotações incluíam dados sobre a flora, a fauna e

terroga o doutor sobre os acontecimentos vividos, o sentido da existência, paixões e as lutas entre Deus e o Diabo. Cláudia define o livro como sendo “a estória de um homem em sua ‘travessia’, pela existência, tratando sobre questões que todos temos que enfrentar em nossas próprias travessias”.

Um ponto em comum em vários textos de Rosa é o encontro de conceitos e pessoas, numa primeira análise, antagônicas como, por exemplo, o jagunço e o doutor. “Rosa promoveu definitivamente o encontro entre o mundo do doutor e o do sertanejo, entre a cidade e sertão, entre cultura rústica, de ba-

a gente sertaneja, usos, costumes, crenças, linguagem, superstições, versos, anedotas, canções, casos, histórias, enfim, tudo que lhe despertasse algum interesse.

**BUSCA POR SIGNIFICADOS** A união desses dois universos, do homem que falava sete idiomas e possuía uma vasta cultura, com o apreciador da cultura popular, é, talvez, o traço mais característico de Rosa. Suzi afirma que pôde perceber, nas anotações a que teve acesso, que o autor gostava de conversar com as pessoas mais humildes. “As pessoas que não tiveram instrução, procuram palavras para exprimir aquilo que experienciam, criam novas palavras, imagens, ou transformam outras que conhecem, mas não sabem o que significa. Essas pessoas humildes abriram o caminho para que Rosa partisse nessa busca por novas palavras e imagens”, conclui.

O texto coloca esses dois mundos, o popular e o erudito, em condição de igualdade e comunhão. Suzi lembra, como exemplo, o conto “São Marcos”, do livro *Sagarana*, em que a trama envolve um doutor que trabalhava numa cidade pequena que tinha um curandeiro. E esse médico caçava do segundo, até um dia em que ele perde a visão. O feiticeiro consegue devolver-lhe a visão, mas quando o doutor abre os olhos, ele vê nas mãos de seu curador um boneco com uma agulha espetada nos olhos. E daquele dia em diante, ele decide compactuar com o curandeiro. Cláudia Soares conclui que “neste ‘doutor’ que viaja pelo sertão, Rosa, que era médico e atendeu em cidades do interior, se reproduz”.

Já para Suzi Sperber, “há muitas camadas de sentido, complexas, diferentes e de origens muito diferentes, que são perceptíveis exatamente a partir desse trabalho de linguagem que ele fez”. Para a pesquisadora a obra de Guimarães Rosa seria como um palimpsesto, em que se raspa a tela de uma pintura e surge outra camada, que se raspada per-

mite enxergar nova camada. “O texto de Rosa tem sempre mais camadas, você não encontrará uma análise que irá resultar em uma conclusão final, pois sempre haverá outra. Tem mil facetas. O fascínio é extraordinário”, conclui.

*Luciano Valente*



Foto de Rosa ao lado de sua esposa, Aracy, a quem ele dedica *Grande sertão: veredas* na edição publicada pela editora Nova Fronteira, em 2006.